

Breve reencontro com a primeira pessoa

Pedro Cezar Dutra Fonseca

Ao iniciar o curso de doutorado na USP, em 1983, surpreendia-me a sensação de profundo desconforto, principalmente ao me ver sentado em uma sala de aula. Não conseguia entender direito o motivo da sensação: afinal, havia concluído o mestrado há pouco tempo e a relação aluno/professor não me era estranha, antes parte integrante e indissociável de minha vida. Após algum tempo, descobri: desde os quatorze anos, ao completar o ginásio em São Borja, viera estudar em Porto Alegre, ingressando na Escola Técnica de Comércio da UFRGS, então órgão anexo à Faculdade de Ciências Econômicas. Cursei graduação e pós-graduação em Economia no mesmo lugar onde concluíra o segundo grau. Falar em aula, para mim, lembrava imediatamente o primeiro quarteirão da Avenida João Pessoa. Fora deste habitat, sentia-me como cavalo desgarrado.

Tão íntimas minhas relações com a UFRGS que, momentaneamente, meu referencial em Porto Alegre não era minha casa, mas a escola. Meus pais haviam ficado em São Borja, e aqui morei em oito locais diferentes: em cada temporada de férias, no interior, redefiniam-se os colegas de república e que conviveriam por um ano no mesmo apartamento. Sem residência fixa, a UFRGS compensava a aristotélica estabilidade necessária ao ser: dei-me ao luxo de ter, como sala de aula no mestrado, exatamente a mesma em que cursara o segundo ano de Contabilidade. Para quem possui alta propensão ao tédio, poderia ser monótono ou cansativo. Mas a troca de colegas, as novas amizades, as leituras e os autores descobertos (nessa época alimentava pretensões literárias, escrevendo contos e poesias, chegando a publicá-los em jornais de diretórios acadêmicos) mais que compensavam, sem contar a participação política e a convivência no Alaska, onde Isaac, o garçon, caso desejasse,

Pedro Cézar Dutra Fonseca é professor do Departamento de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

poderia ter-se tornado o mais eficiente e completo informante da ditadura, tal o grau de familiaridade com os frequentadores. Alguém pode ser discreto e recatado, após o segundô chopp?

Na Escola Técnica de Comércio, o curso era noturno e todos os meus colegas trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. A maioria já trabalhava com contabilidade e logo notei que precisava compensar com muito estudo o que eles já sabiam. Débito e crédito, patrimônio líquido, ativo e passivo, realizável e imobilizado foram aos poucos fazendo parte do meu vocabulário, não sem antes passar por ridículas dúvidas aos olhos de quem tratava tais palavras com tamanha familiaridade. Se com eles aprendia as disciplinas técnicas e profissionais, chegava minha vez de retribuir quando se tratava das demais, como Português, Matemática, História e Inglês, pois nestas o tempo de estudo era insubstituível. Bem mais jovem que os demais, sentia-me por vezes o bebê da classe; não posso dizer que, oportunista, tenha tirado proveito disto, mas como adolescente fazia questão de não passar por diferente e entrosar-me ao grupo. Aprendi nesse tempo, entre outras coisas, a importância da escola pública: meus colegas eram quase todos trabalhadores de baixa renda, muitos ganhavam salário mínimo e depositavam no curso grandes esperanças em melhorar de vida. Compartilhava com muitos deles os sofrimentos e as esperanças. Poucos tinham por meta prestar vestibular. Alguns davam por encerrada a carreira estudantil; outros, postergavam-na. Talvez um dia, mais adiante...

Para mim, entretanto, o vestibular era essencial. Como a maioria dos jovens de classe média, entendia o segundo grau como trampolim para a faculdade. Minha dúvida residia exatamente em definir qual delas queria frequentar. Se isto não é raro, antes normal em todo vestibulando, no meu caso se agravava por gostar de áreas tão díspares como Filosofia, Matemática, Literatura, História e Economia. Quando me matriculei no cursinho pré-vestibular, em março, optara por Engenharia; as aulas de desenho logo me fizeram desistir da empreitada. Na ausência de uma vocação explícita - tipo "desde criança quero ser médico" -, minha decisão por Economia aconteceu em meados do ano, ao consultar o currículo do curso e conversar com alguns estudantes. A amostra não aleatória revelava que o pior do curso eram as disciplinas de Matemática e de Contabilidade, e alguns citavam uma tal de *micro*, a qual não entendia bem o que era. Mas como quanto às primeiras não havia qualquer problema, julguei estar no caminho certo.

Meu primeiro semestre de universitário ocorreu no Ciclo Básico, onde todos os recém ingressos cursavam disciplinas obrigatórias, e só após aprovados em todas elas poderiam matricular-se no curso profissional. Enfrentaria, a partir daí, o grande problema da dispersão das turmas do curso de Economia - comum aos outros cursos da Faculdade de Ciências Econômicas - de ter aula em prédios diferentes e mudando de colegas em cada cadeira, impedindo que se consolidem turmas e amizades. Ao candidatar-me a Diretor da Faculdade, em 1992, possuíamos aula em quatorze prédios da Universidade e me propus a lutar para reverter a situação. Hoje, com a transferência da Escola Técnica de Comércio para novas instalações, conseguimos reverter apenas em parte a situação, reduzindo-se o número de prédios para sete. A maratona de andar de um local para outro não acabou, mas encurtou a distância. Mais que o esforço físico, a dispersão de prédios afeta o espírito de unidade tanto de alunos como de professores. Grande parte não se conhece, nem troca experiência, nem sabe o que outro pesquisa, em prejuízo da vida acadêmica. A redução do número de prédios, bem como sua proximidade à Faculdade, poderá amenizar a situação. Ou evitar cenas esdrúxulas como certa vez, ao recomendar um livro em aula, asseverei que havia vários exemplares na biblioteca, e um aluno me perguntou: "Que biblioteca?" Respondi: na biblioteca da Faculdade. E outro fez o questionamento fatal: "Que Faculdade?"

Na época de estudante, compensávamos um pouco a dispersão no Diretório Acadêmico, único lugar aprazível para ponto de encontro e que possibilitava conhecerem-se não só os colegas de aula como os de outras turmas. Como sói acontecer em ditaduras, toda participação era arriscada e qualquer participante era visto como subversivo e potencial terrorista. Não havia passeatas e muito menos greves. Uma vez o DAECA fez um mural sobre a censura, recortando de jornais e revistas trechos que haviam sido podados pelos censores e que, em seus lugares, apareciam espaços em branco, ou receitas de bolo, ou ainda partes de Os Lusíadas, de acordo com a decisão do editor para fazer frente a cortes de última hora. Constavam do mural, portanto, notícias que já haviam sido censuradas. Isto não impediu que o mural fosse proibido, retirado do saguão, tendo sido posto em seu lugar um cartaz dizendo: "Mural sobre Censura foi Censurado". Convém salientar que todos os recortes provinham de órgãos nitidamente comunistas e subversivos como Estadão,

Veja, Correio do Povo, Zero Hora e Folha da Manhã (e esta, sem dúvida, deixou saudade).

Mas o momento mais dramático ocorreu justamente quando era calouro. No segundo semestre de 1973, um dia depois de iniciar-se a distribuição do *Jornaleco*, o jornal do Diretório, este amanheceu fechado, com duas trancas de madeira em X, com a inscrição na porta: “Fechado por Ordem da Reitoria”. O jornal era seguramente o mais importante e combativo da Universidade e, obviamente, não passava por censura prévia. Recentemente houvera o golpe no Chile e um artigo desmascarava a versão oficial de que Allende havia se suicidado, deixando explícito que fora assassinado. O Brasil fora o primeiro país do mundo a reconhecer a ditadura de Pinochet. Havia também artigos contra a censura e denúncias de torturas, além de outros dois, mais bem humorados, criticando o ensino na Faculdade e perguntando se alguém já ouvira falar do tal de Geisel, que naquela semana havia sido anunciado como próximo presidente do país. Naquela manhã, o saguão da Faculdade amanheceu repleto de pessoas desconhecidas, algumas de pasta na mão, sentadas acompanhando o movimento. Assustávam-nos, sobretudo, a aplicação dos famosos decretos 477 e 228, os quais permitiam expulsar alunos da universidade e intervir nas entidades estudantis - sem contar, obviamente, a segurança física. Como neófito, não participava nem da diretoria nem havia escrito qualquer artigo; mas compartilhava, na carne, a angústia porque, justamente por ser estreante, havia ajudado a distribuir o jornal no dia anterior, atividade para qual, ao ser convidado, muito me comovera. Na lei das compensações, como a ordem era sair de circulação, dei-me ao luxo de pequenas férias em São Borja. Se após tantos anos as recordações causam gargalhadas, inclusive por revelar sua face cômica (o *Jornaleco* ameaçar a segurança nacional, a forma amadora como cada um refugiara-se), quem vivenciou sabe o clima de terror, não imaginário mas bem material, já que há poucos anos, contavam-nos, muitos haviam desaparecido. Aprendi daí uma segunda lição que só conhecera nos livros: o valor da democracia, lutar por ela sem recuos, entendê-la como pilar básico da cidadania e da civilização.

Apesar de todo esse contexto efervecente, o curso de Economia pouco me gratificava. Minha crise vocacional acentuava-se. Não pretendia abandonar o curso, poderia arrepende-me, ainda estava no início, mas gostaria de abrir horizontes em novas áreas. Prestei novamente vestibular ao final do segundo

ano de faculdade, inscrevendo-me em três opções, nesta ordem: Ciências Sociais, Matemática e História. Nunca ouvi falar de alguém com a mesma “função preferência”. Entretanto, pretendia estudar algo que me fascinasse e que tivesse a ver com a profissão de economista. Passei então a estudar Economia pela manhã e à noite, enquanto à tarde fazia Ciências Sociais. UFRGS dia e noite (esta repartida, às vezes, com o Alaska). Iniciava meu período áureo de leituras. Começava a enxergar com nitidez a relação da Economia com as outras ciências humanas e com a Filosofia. Adquiri uma formação que me encorajou a candidatar-me à monitoria de História do Pensamento Econômico, disciplina ministrada pelo professor Francisco Machado Carrion. Portador de vasta cultura, transitando com desembaraço por Filosofia, Direito, Sociologia, Antropologia, História e Ciência Política, foi o grande mestre que aprendi a reconhecer, respeitar e admirar. Com ele descobri meu nicho no curso de Economia e firmei a opção pela vida acadêmica. Além dos ensinamentos teóricos, a ele devo uma terceira lição de vida: o respeito pela diversidade e pelo pluralismo, só possível quando se tem a virtude da tolerância. Com arraigada formação cristã e crítico ferrenho do liberalismo, do positivismo e do marxismo, o professor Carrion ensinava ser ao mesmo tempo convicto e respeitador das idéias de outrém - coisa rara na vida acadêmica nacional, marcada por guetos e painéis incommunicáveis. Lembro-me certa vez que um aluno de pós-graduação quase foi impedido de defender sua dissertação de mestrado porque o marco teórico inspirava-se em Marx. O caso quase virou questão de segurança nacional e foi levado a ele que, como Diretor da Faculdade, daria a última palavra e, portanto, assumiria os riscos caso houvesse represálias externas. Ansioso em saber sua decisão, perguntei-lhe como decidira, ao que respondeu com ar seguro e despreocupado: “Ora, Pedro, desde quando comunista não pode defender tese?”

O professor Carrion repudiava o materialismo e entendia impossível desvincular a história do pensamento econômico da história da filosofia. Incentivava-me como monitor a ler as obras clássicas de Kant e Hegel, as quais tratava como “idealismo alemão”, bem como de Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino (e, ao referir-se aos dois últimos, seus olhos brilhavam). Já no curso de Ciências Sociais, as leituras obrigatórias eram os tradicionais Durkheim, Marx, Weber e Parsons, além de Gramsci e Lukács, e os brasileiros Florestan Fernandes, Celso Furtado,

Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, entre outros.

Na turma que estreei como monitor conheci Elizabeth Fernandes. Fomos colegas em várias cadeiras, formamo-nos juntos e cursamos o pós-graduação. Tornamo-nos grandes amigos. Depois de vários anos, em janeiro de 1981, Beth e eu descobrimos que inexitem fronteiras rígidas entre a grande amizade e o amor. Casamos em setembro do mesmo ano, sem antes deixarmos boquiabertos amigos e familiares pela virada no relacionamento e, principalmente, pela rapidez da decisão.

Ao ingressar no mestrado, fui forçado a deixar a monitoria, privativa de alunos de graduação. Em seguida, iniciava minha carreira acadêmica como professor colaborador (antes havia lecionado Estatística e Economia e Mercados no Colégio Cruzeiro do Sul, nos cursos técnicos de contabilidade e secretariado). Por bom tempo, contratavam-me em março e despediam-me em junho; recontratavam-me em agosto e, ao final do semestre, recebia bilhete azul. Isto perdurou até que um bendito parecer estabeleceu que após três semestres de exercício o professor não deveria ser despedido porque, caso ingressasse na justiça, certamente ganharia a causa com todos os atrasados, em prejuízo enorme à Universidade. Corria a notícia, nunca confirmada oficialmente, de que 40% da carga didática de graduação era ministrada por colaboradores - mão de obra barata e passível de contratação sem grandes empecilhos burocráticos. Meu intuito era concluir o curso de Ciências Sociais, interrompido no sexto semestre por exigência da carga do mestrado em Economia, tão logo concluísse a parte teórica deste. Logo vi que era incompatível com as atividades de ensino e pesquisa, pois passei a dedicar-me à dissertação de mestrado. A formação adquirida no IFCH, não obstante, foi decisiva para aventurar-me a elaborar a primeira dissertação de nosso mestrado na área de História Econômica, sobre a economia e a política gaúchas na República Velha, contando com o incentivo da professora e amiga Sandra Pesavento. Quando apresentei o tema ao coordenador do curso, ele questionou-me, simpaticamente: "Por que não escolhes algo mais atual?" Senti-me constrangido, inatual e alienado: tantos problemas econômicos no presente e eu preocupado em estudar tão logo a República Velha... Não me arrependo da decisão. Além da satisfação pessoal, deu-me o segundo lugar no Prêmio BNDES de Economia em 1981, a primeira premiação de nosso mestrado até então. Da noite para o dia, minha área, *light* e sem status, ganhava reconhecimento.

No mesmo concurso, Maria Heloísa Lenz, hoje professora de nosso Departamento, obteve a quarta colocação com um tema de história do pensamento econômico: "A Categoria Econômica Renda da Terra". A vitória, portanto, foi em dose dupla e importante para nosso mestrado, que precisava, então, firmar-se nacionalmente.

Decidido pela vida acadêmica, o doutorado não poderia esperar. Entre as várias opções pelo exterior, preferi ficar por aqui mesmo e estudar na USP, pois, como professor e pesquisador na área de história econômica do Brasil, achei que não deveria me afastar tanto dos pesquisadores como das fontes (sem deixar de reconhecer que nos Estados Unidos pode-se trabalhar, e muito bem, com temas brasileiros). Deixava Beth com oito meses de gravidez para estudar em São Paulo. O primogênito Vicente nasceu em 4 de abril: felizmente estava em Porto Alegre, pois viera para os feriados de Páscoa. A opção pela vida acadêmica tolheu-me de algo que jamais terei de volta: a convivência com minha mulher e com meu filho em seu primeiro ano de vida.

Retornando de São Paulo, assumi a coordenação do Pós-Graduação em Economia e, logo após, a chefia do Departamento de Ciências Econômicas. Em 1991 fui eleito Diretor da Faculdade, na primeira eleição que envolveu consulta ampla a todos os professores, alunos e servidores técnico-administrativos. O medo de dedicar-me à administração, em detrimento do ensino e da pesquisa, aterroriza-me, eis por que faço questão de continuar dando aula e pesquisando.

Num balanço final, constato que, dos 39 anos já vividos, 25 deles foram na UFRGS. Muitas outras coisas ocorreram neste período; algumas ótimas, outras, nem tanto. Estas principalmente nos últimos anos, com a escassez de verbas, a deterioração dos prédios, a falta de segurança que impôs grades a circundarem o campus e a aposentadoria precoce de vários colegas competentes e em plena atividade intelectual, os quais procuram outra universidade ou caem no ostracismo, sob a ameaça de entrar em vigor uma lei que viola direitos adquiridos e, a pretexto de resolver problemas de caixa, incentiva aposentadorias e onera o tesouro duplamente: os aposentados percebem como inativos e novos são contratados em seu lugar. Visando à redução de despesas, o neoliberalismo caboclo as acresce, não sem antes causar danos irreversíveis: quantos anos serão necessários para formar novos professores doutores? quanta experi-

ência em ensino, pesquisa, orientação e administração jogaram-se no lixo abruptamente?

Mas pessoalmente não posso deixar de registrar que o saldo é indubitavelmente positivo. Satisfeito com a profissão, mesmo desgastada frente à opinião pública diante da inflação persistente, por linhas transversas posso ser dos poucos brasileiros que trabalha com o que gosta. Tornando-me pesquisador, aprendi a escrever com linguagem mais objetiva e sem pretensões literárias. Lá se foram os tempos dos contos e poesias: este é meu primeiro exercício, após longos anos, de escrever na primeira pessoa. Boa desculpa para o estilo árido e de pouca criatividade...